



[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA

da FÁTIMA

(13 DE OUTUBRO)

A grande peregrinação nacional de Outubro

Primeiras chuvas do Outono. — O décimo aniversário da última aparição. — Movimento de peregrinos. — Chegada a Fátima. — A procissão das velas.

A triste e melancólica estação outonal, depois de muitos dias verdadeiramente primaveris, de sol brilhante e de céu sem nuvens, assinala a sua existência com frequentes bátegas de água e violentas chuvas torrenciais. E' no meio da luta dos elementos desencadeados, em plena revolta armada da natureza, que se inicia e se leva a cabo a grande peregrinação nacional de treze de Outubro.

De vários pontos do país, numerosos grupos de pessoas tinham partido a pé, muitos dias antes, em dura e quasi heroica peregrinação de penitencia, afim de se associarem em Fátima às solenes comemorações do décimo aniversário da sexta e última aparição de Nossa Senhora do Rosário aos humildes e rudes, mas inocentes pastorinhos de Aljustrel.

No dia doze o movimento de peregrinos, que se servem de todos os meios de transporte ao seu alcance, toma de repente um incremento extraordinário, quasi assombroso, inundando, às primeiras horas da tarde, a Cova da Iria e as suas imediações de milhares de veículos, de diversos feitios e tamanhos, e duma multidão de individuos de ambos os sexos e de todas as idades, classes e condições sociais. As dez horas da noute a *camionette*, que nos conduz à estância privilegiada da Augusta Mãe de Deus, pára na estrada distrital, a algumas centenas de metros do Local das aparições.

E' nessa ocasião que principia a procissão das velas. Querer descrever o que foi esse espectáculo grandioso e assombroso, é pretender

o impossível. Nunca em Portugal, nunca talvez no mundo inteiro, nem mesmo em Lourdes, a divina cidade dos Pirineus, se visse uma manifestação religiosa tão grande na singeleza da sua estrutura, tão saturada de fé e piedade, tão estuante de ternura e amor filial para com a celeste Padroeira da Nação. Ninguém, por mais tibia que fôsse a sua crença, era capaz de contemplar de olhos



D. José do Patrocínio Dias
Bispo de Beja

enxutos aquele cortejo imponentíssimo, em que tomavam parte dezenas de milhares de pessoas, cada uma com a sua vela acesa na mão, cantando os louvores da Virgem. A deslumbrante procissão levou quasi três horas a desfilar, realizando um percurso dalguns quilómetros em torno do muro que circunda o local das aparições. As turmas de peregrinos que se precipitavam em torrentes caudalosas pela abertura do arco triunfal, as filas múltiplas e intermináveis que circulavam por toda a

parte no recinto sagrado, o canto do *Avé* de Lourdes repetido ao mesmo tempo em milhares de côros, por dezenas de milhar de vozes, num sem nmero de tons, desde o mais agudo ao mais grave, a solenidade do momento e o ambiente sobrenatural que tudo envolvia, constituíam um es-



D. José Alves Corrêa da Silva
Bispo de Leiria

pectáculo duma beleza e dum encanto inigualáveis, que deslumbrava os olhos, assombrava as almas e empolgava os corações.

E todas aquelas dezenas de milhar de pessoas, que tomavam parte na procissão das velas, traduziam os seus sentimentos em exclamações de surpresa e em lágrimas da mais viva e intensa comoção.

E quando, ao terminar o deslumbrante cortejo, aquelas legiões de almas proclamam sem respeito humanos a sua fé diante de Jesus-Hóstia, encerrado no Sacrário da Capela das Missas, cantando com *entrain* os sublimes artigos do Credo, o entusiasmo popular atinge as raias do delírio e a manifestação assume as proporções duma verdadeira apoteose.

A adoração nocturna. — Preces e cânticos. — A pregação do venerando Bispo de Leiria. — Peregrinação diocesana de Vizeu. — Inauguração oficial de oito megafónios.

Cerca da meia noite principia a adoração nocturna. O Rei do Céu e da terra, oculto sob as espécies de pão no seu Sacramento de amor, é exposto solenemente ao culto dos iéis numa riquíssima custódia de ouro

no alto dum trono de lumes e flores. Pela primeira vez dois venerandos Prelados tomam parte oficial nas solenidades religiosas do dia treze. Revestidos com as vestes episcopais, iniciam a sua participação prostrando-se aos pés do trono de Jesus-Hóstia, afim de lhe renderem as homenagens da sua adoração e de lhe testemunharem o seu amor. Ia começar a primeira hora de adoração, presidida pelo ilustre antístite de Leiria, que a Virgem Santíssima escolheu, como primeiro Bispo da diocese restaurada, para assumir sobre os seus ombros a empreza gigantesca de fazer surgir dum terreno deserto e pedregoso a obra prodigiosíssima dos augustos santuários de Fátima.

Durante a hora de adoração o rev.º dr. Marques dos Santos, reza o terço do Rosário alternadamente com o povo. Nos intervalos das dezenas, depois de recitada a oração jaculatória que a Virgem ensinou aos pastorinhos, o Senhor Bispo de Leiria explica, numa prática ao alcance de todas as inteligências, o sentido do mistério seguinte. Como o dia treze ocorreu este mês numa quinta-feira, os mistérios meditados foram os mistérios gozosos.

1.º Assim como o Anjo apareceu a Nossa Senhora na modesta Casa de Nazareth, assim Nossa Senhora apareceu aos humildes pastorinhos.

2.º Assim como Nossa Senhora visitou sua prima Santa Isabel, assim nós devemos visitar os pobrezinhos, os enfermos e encarcerados, propagando sobretudo as Conferências de S. Vicente de Paulo.

3.º Em honra do Menino Jesus, que nasceu na lapinha de Belem, porque os parentes e amigos o não quiseram receber em suas casas, devemos nós olhar pelas criancinhas que vivem abandonadas, quer material quer espiritualmente, porque o egoísmo e a incredulidade doutros assim o determina.

4.º Assim como Jesus foi apresentado no templo e depois foi baptizado, nós devemos vigiar para que os meninos sejam baptizados sem perda de tempo e levados á igreja desde a mais tenra idade para ali receberem a instrução religiosa que por ventura não possam ter na casa e na escola.

5.º Porque o Menino Jesus, tão novinho, já prégava no templo, devemos nós lembrar-nos dos seminaristas, futuros prégadores da palavra de Deus, amparando-os moral e materialmente com orações e conselhos, mais ainda

do que com esmolas, todavia bem precisas para sustentação dos Seminários.

A segunda hora de adoração foi privativa da peregrinação diocesana de Vizeu e presidida pelo Rev. do P. e Marinho, seu director. As orações e os canticos, tão lindos e tão comoventes, atraíram até junto da capela milhares de peregrinos que estavam afastados.

Desde a meia-noite que os sacerdotes inscritos no respectivo registo principiaram a celebrar a Santa Missa em quatro altares, sucedendo-se uns aos outros sem interrupção. Tinham-se inscrito mais de cem sacerdotes, tendo ficado sem celebrar muitos que o não haviam feito com a devida antecedência.

Foi nesta noite para sempre memorável que se realizou a inauguração oficial de oito megafónios de extraordinária potência; instalados pelo distinto engenheiro Rocha e Melo, da fábrica de cimentos de Maceira, que faziam ecoar por todo o vasto recinto, com grande admiração do povo, as preces, os canticos e as palavras dos oradores e dos dirigentes dos actos religiosos.

O senhor Bispo de Beja e os servitas. — Peregrinação de Lisboa, Pôrto, Coimbra, Braga, Vizeu, Alcobaca, Pôrto de Mós, etc. — A missa do venerando Bispo de Leiria e a comunhão geral No Posto das verificações médicas. — A legião dos doentes. — A chuva torrencial.

A's três horas da madrugada, depois de dada a benção geral com o Santíssimo Sacramento, que em seguida é repostado no Sacrário, o Senhor D. José do Patrocínio Dias, illustre Bispo de Beja, celebrou a missa dos servitas. O venerando Prelado distribuiu o Pão dos Anjos aos servitas e escoteiros, que o recebiam com visíveis sentimentos de piedade, edificando todos os circunstantes com o seu recolhimento e fervor.

Foram numerosas e importantes as peregrinações que de diversos pontos do país vieram a Fátima tomar parte nas solenidades comemorativas da sexta aparição. Merecem especial referência as de Lisboa, Pôrto, Braga, Coimbra, Vizeu, Alcobaca e Pôrto de Mós.

Esta última só chegou na manhã do dia treze. Era composta de cerca de oitocentas pessoas de todas as freguesias do respectivo concelho e presidida pelo rev. do Francisco Carreira Poças, que a promoveu e que celebrou a missa da peregrinação. A de Alcobaca constava de quatrocentas pessoas, sendo metade só da vila, e era dirigida pelo rev. do pároco Henrique Vieira.

A's sete horas o illustre Bispo de Leiria celebra a missa de Comunhão geral. Ao *comunio* um grupo de dez sacerdotes distribui a Sagrada Comunhão a mais de nove mil fiéis. No Posto das verificações médicas procede-se ao exame e inscrição dos doentes que, ao receberem a senha de ingresso no Pavilhão, se dirigem imediatamente para ali.

São centenas de vítimas de todas as misérias físicas que torturam a humanidade e que ali se reúnem como em Lourdes para implorar de Aquela, que é chamada a Saúde dos enfermos e a Consoladora dos aflitos, lenitivo para as suas dôres e conforto para as suas almas.

Durante toda a manhã a chuva caiu por várias vezes com violência, mas a intervalos. Depois da Missa dos servitas redobrou de violência, encharcando completamente o local das aparições.

Curas sensacionais. — Uma paralítica de Vizeu Um doente de mal de Pott, de Braga. — Lágrimas de alegria duma mãe. — O interesse da imprensa. — A opinião dos médicos.

No pavilhão dos doentes, junto do parapeito da capela das missas, está sentada em cima dum colchão, ao lado doutros farrapos humanos, uma rapariga, que parece ter pouco mais de vinte anos de idade.

Vinca-lhe o rosto pálido e macegado uma expressão de íntimo júbilo e nos seus olhos brilha um clarão de suave e fagueira esperança. Uma paralisia geral, consecutiva a uma queda desastrosa, immobilizara por completo no grabato dum hospital o seu corpo franzino e mirrado. Dores horríveis atormentavam-na sem cessar.

Almas caridosas promoveram uma subscrição para que ela pudesse tomar parte na peregrinação diocesana de Vizeu. Durante a viagem toma leite, e ao contrário do que costumava suceder, não o vomita.

As dôres abrandam consideravelmente. A passagem da peregrinação de Alcobaca, quando se aproxima dela o estandarte em que está pintada a scena das aparições, sente que uma força estranha a impele a ajoelhar-se e após doze anos consegue pela primeira vez tomar essa posição. Uma alegria mixta de inquietação e temor apodera-se da sua alma e transborda-lhe dos olhos, dos lábios, de todo o seu ser. A servita que está ao seu lado anima-a e conforta-a, inspirando-lhe confiança no poder e na bondade da Mãe de Deus.

Aproximamo-nos dela e interrogamo-la. Dominada por uma comoção profunda, responde com extrema dificuldade ás perguntas que lhe fazemos.

Durante a viagem de regresso as melhoras acentuam-se de hora para hora e é já por seu pé que entra no hospital donde tinha saído em braços para a partida.

Entre os doentes da peregrinação de Braga encontra-se ao colo da Mãe uma criança do sexo masculino, de sete anos de idade, atacada, segundo o diagnóstico médico, duma doença terrível, o mal de Pott. Filho de Manuel Fernandes Braga, um poço de doença, tuberculoso e alcoólico, já falecido, e de Maria da Conceição Braga, moradora na rua Nova de Santa Cruz, n.º 19, herdou do pai o nome e as doenças. Ha cerca dum ano o seu estado agravou-se, aparecendo-lhe perfeitamente declarado o mal de Pott — cifose lombar bem pronunciada, amolecimento da espinha dorsal, atrofiamento das pernas, uma das quais encurtou dois dedos, dores intensas em todo o dorso, gânglios escrofulosos no pescoço e falta de apetite.

Em Coimbra, onde pernitoou no regresso, a mãe verifica com surpresa e com uma alegria tão gande que lhe provoca as lágrimas, a cura do filho. No dia seguinte essa cura constitui o assombro dos quatro médicos que trataram a feliz criança, a velha e pacata cidade dos Arcebispos impressiona-se e agita-se com a

sensacional notícia, uma romagem de muitas centenas de pessoas inicia-se para casa da privilegiada família, a imprensa de grande circulação, tomando conta do caso, narra-o em colunas cerradas de prosa e cheias de pormenores interessantes e a sciência médica proclama unanimemente a certeza consoladora da cura extraordinária, inexplicável e por ventura miraculosa.

A procissão da Virgem do Rosário. — A missa oficial. — A benção dos doentes. — O sermão do senhor Bispo de Beja — O regresso dos peregrinos.

A procissão da Virgem do Rosário realiza-se, na forma do costume, mas talvez com mais imponência e majestade. A entrada da Sagrada Imagem no pavilhão dos doentes é uma das scenas mais empolgantes que é dado pronunciar sobre a terra e tão grandiosa e tão bela que a pena sente a sua impotência para a descrever.

A explosão da piedade dos peregrinos, o acenar dos lenços por toda a vastidão imensa do recinto das aparições, desde o alto da estrada distrital até ás colinas adjacentes, o reboar dos vivas e das aclamações entusiásticas, o estralejar das palmas, as súplicas, os soluços, as lágrimas dos doentes, enfim a comoção vivíssima e irreprimível de tantas dezenas de milhar de crentes, tudo são facetas admiráveis desse quadro assombroso da procissão da Virgem, que faz vibrar intensamente as cordas mais íntimas da nossa alma elevando-a para regiões que não são deste mundo.

Ao meio dia e meia hora, depois do canto do *Credo*, um sacerdote sobe ao altar central da capela das missas e começa o augusto sacrificio dos nossos altares, enquanto o capelão-director dos servitas inicia a recitação em comum do terço do Rosário.

Terminada a missa, expõe-se o Santíssimo Sacramento e o Senhor Bispo de Leiria dá a benção a cada um dos doentes. A comoção do illustre Prelado é visível e traduz-se em lágrimas que lhe correm pelas faces.

Os doentes soluçam e todos choram ao ouvirem e ao repetirem as invocações dirigidas a Jesus oculto sob as espécies eucarísticas na custódia de ouro.

A benção dos doentes é coroada com a benção geral.

Depois o senhor Bispo de Beja pronuncia um discurso breve, mas eloquente e incisivo, repassado de fervor religioso e de sentimento patriótico.

Começou por pedir três vezes a Nossa Senhora que mostrasse ser nossa Mãe—*Monstra te esse matrem.*

Mas seria preciso recordar com tamanha insistência a Nossa Senhora a sua prerrogativa materna, se ela nunca esqueceu os seus deveres de mãe, nunca afastou o seu rosto de nós, nunca consentiu que o seu coração deixasse de gotejar sangue pelos pecadores?... Não; mas a recordação é precisa, não para ela mas para nós, que somos fracos e pusilânimes e á semelhança das crianças, que só adormecem com o braço da mãe bem seguro, não vá ela fugir-lhes, também nós precisamos de estar assegurados do seu patrocínio, para que saibamos que ela está disposta a ser daqui para o futuro, mais solícita, mais terna e mais carinhosa, se isso é possível.

Talvez seja ousadia apelar para os sentimentos maternos de Nossa Senhora, neste lugar onde pulsa o coração do país inteiro e onde ha dez anos, milhares de portuguezes se sentem mais próximos do Céu, mais crentes e mais patriotas. Vem mais crentes e mais patriotas. Vem ali pela primeira vez e não pode deixar de sentir uma extranha emoção ao vêr aquele lugar, que quer geográfica quer espiritualmente é o coração de Portugal, e onde a vitória lhe trazem á memória as gloriosas recordações do nosso passado de heróis.

Houve um momento na nossa vida nacional em que tudo pareceu submergir-se: templos profanados, bispos e padres presos ou expulsos, a religião vilipendiada e esquecida. Mas Nossa Senhora não se esqueceu de que nós a havíamos um dia escolhido para Rainha e veio então a este lugar trazer-nos um argumento de fé, um argumento de piedade e de reparação nacional, mostrar-nos claramente que não é em vão que para ela apelamos e nela pomos toda a nossa esperança.

Fátima é um lugar de festa, mas festa sem foguetes nem arraial onde nós vimos retemperar a fé, para melhor procedermos na nossa vida publica e particular.

Fátima é um lugar de oração e de penitência, um lugar onde Nossa Senhora nos convida a meditarmos na maneira como temos cumprido os nossos deveres para com Deus e os seus representantes na terra, para com o próximo e connosco mesmo.

Façamos essa meditação e depois prometamos ser para o futuro mais observantes da sua lei.

Em seguida rogamos-lhe por todos, pelo Sumo Pontífice, para que Deus o conserve e o livre de seus inimigos; pelas nossas famílias para que ela as abençoe e as livre das ciladas que hoje em dia se armam ás famílias cristãs; pela nossa Pátria, cercada de perigos tantos e tão graves.

Aqui, em Fátima, nunca deve esquecer-se esse lado patriótico desta romagem de piedade.

Peçamos pelos nossos doentes de forma que ou eles consigam curar-se ou levem daqui a resignação para os seus males.

Não ousa pedir milagres, pois que maior milagre podia elle exigir do que o de ver esta multidão, vinda de todos os pontos do país, arrostar com todas as dificuldades, com a chuva, com o mau estado das estradas, com tantas contrariedades para virem até ali prestar o culto da sua homenagem a Nossa Senhora?!

Para todos, Senhora, sede propícia e misericordiosa. Mostra que sois nossa Mãe!

Quando os *memórias* reproduziam as ultimas palavras do venerando Prelado, uma chuva torrencial começava a cair para não cessar senão ás primeiras horas da noite.

E era sob as cataratas do céu abertas de par em par que os peregrinos subiam até á estrada adjacente afim de se recolherem nos veiculos que os aguardavam e que os haviam de conduzir aos seus lares distantes com as almas docemente esmagadas por tantas e tão fundas emoções e cheias de saudades daqueles dois dias inolvidáveis passados na terra sagrada de Fátima — a futura cidade da Virgem.

Visconde de Montello

AS CURAS DA FATIMA

Helena Rodrigues, de Fornelos (Santa Marta de Penaguião) em carta de 28 de Julho, diz:

«Vou narrar o facto que se deu comigo. Por intercessão de Nossa Senhora de Fátima, vi-me curada prometendo eu neste caso publica-lo no vosso piedoso jornal caso concordéis com os meus humildes desejos. Já ha muitos anos que me nasceu debaixo do braço um kysto a que não liguei importancia devido á sua pequenez, mas eis que ha tempos para cá o kysto vai alargando de dimensões e creando profundas raizes a ponto de me



Helena Rodrigues, de Fornelos

tolher o movimento do braço e fazer sofrer imenso.

Andando de dia em dia para ir ao médico, que é longe desta freguesia, veio o dia treze de Maio consagrado á adorada Senhora e eu então lembrei-me de nessa noite colocar no Kysto um pano molhado na milagrosa água de Nossa Senhora de Lourdes.

Qual não foi o meu espanto e admiração quando ao despertar me vejo sem nada e absolutamente curada. Milagre! Milagre da Virgem de Fátima!

E' isto que peço ao senhor para publicar não mandando o atestado médico por o não possuir».

«**Maria Marques Janeiro Costa**, do lugar da Massuca, da freguesia de Manique do Intendente Concelho de Azambuja, declarou que me appareceu em Julho de 1925 um tumor num peito, e fui consultar o Sr. Dr. José Egas de Azevedo e Silva, da Freguesia de Pontevel; Concelho do Cartaxo. Esse facultativo receitou-me remédios, sem resultado. No dia 15 de Setembro tornei a consultar o médico e me disse que tinha que fazer-se uma operação. Com muito receio de fazer a operação, vim para minha casa e recorri com muita fé á Virgem Mãe Santíssima Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que me valesse na minha aflicção, para melhorar sem ser operada.

Comecei uma novena no dia 16 de Setembro applicando sobre o peito panos com água da fonte milagrosa. Quando acabou a novena fui outra vez consultar o médico dizendo este que o tumor estava a diminuir. Resolvi ir a Fátima no dia treze de Outubro do mesmo ano pedir á Santíssima Virgem a continuação das minhas melhoras. Fui ao posto médico onde recebi o N.º 28 indo para o lugar reservado aos doentes e lá recebi a Sagrada Comunhão.

Nove dias depois de vir de Fátima sumiu-se o tumor por completo. Prometi á Virgem Santíssima Nossa Senhora de Fátima de lhe ir agradecer e oferecer-lhe três velas (uma da minha altura) e ir de joelhos desde a estrada dar três voltas de joelhos á Capela de Nossa Senhora. Mandei dizer uma Missa e dei algum dinheiro para ajuda do Culto, tendo já cumprido todas as promessas. Agradeço do meu intimo á Virgem Mãe Santíssima e ao seu Divino Filho a grande graça que me concederam».

ATESTADO

José Egas de Azevedo e Silva, facultativo municipal em Pontevel, concelho do Cartaxo.

Atesto que Maria Marques Janeiro Costa, de 43 anos, casada, natural e residente no lugar da Massuca freguesia de Manique do Intendente, sofreu duma inastite do seio esquerdo que curou sem tratamento médico apropriado. E por ser verdade passo o presente que assino e juro pela minha honra.

Pontevel 10 de Setembro de 1927.

(a) José Egas d'Azevedo e Silva

Maria Augusta da Cunha, filha de José Domingos Correia e de Maria da Cunha, da freguesia de S. Paulo de Sebolido, lugar de Rios Mau, começou a sofrer da idade de 17 anos do esofago durante assim proximo a dois anos, procurando sempre a cura por varios medicos e tomando variadissimos remedios até que por fim, se sentiu envenenada em resultado de uma troca de medicamentos: strequinina por santonina. Com grande esforço o medico conseguiu salva-la fazendo-a vomitar. Depois voltou ao Raio X para lhe fazer um exame por meio da radiografia.

Nada adiantou porque não entrou nada no estomago durante cinco dias. Não achando recurso nos medicos dirigiu-se ao Porto para dar entrada no Hospital de Santo António, como entrou, mas a querer cair pelas ruas por não ter comido nem bebido havia cinco dias e ter sofrido proximo a dois anos. Encontrou uma senhora muito sua amiga que lhe deu umas gotas de agua da Santa Gruta de Nossa Senhora da Fátima e depois entrou no Hospital e ao fim de dia e meio começou a entrar alguma comida sem remedios alguns nem tratamento dos medicos dizendo eles, depois de examinarem, que parecia ser um milagre em vista do que tinham encontrado, achando-se com saude perfeita como está até á data (26 de maio de 1927).

NATUREZA E NECESSIDADE DO PURGATORIO

São do *Tratado do Purgatorio* de Santa Catarina de Geneva, as seguintes palavras, que nos parecem oportunas sobretudo neste mês:

«Assim como o espirito não acha repouso senão em Deus para que foi creado, assim a alma em estado de pecado não pode estar noutra parte senão no inferno, pois que em razão das suas faltas, ele se tornou o seu fim.

E' por isso que no mesmo instante em que a alma se separa do corpo, ela vai para o lugar que lhe foi assinalado, não tendo necessidade d'outro guia que a propria natureza do pecado, se ela deixou o corpo em estado de pecado mortal.

E se a alma fosse impedida de obedecer a este decreto (procedente da justiça de Deus), ela encontrar-se-ia num inferno mais profundo ainda, porque estaria fóra da ordem divina na qual a misericordia encontra sempre lugar e atranda a pena completa que a alma mereceu.

Por isso não achando lugar mais apropriado nem onde a pena fosse menor, precipita-se por si mesma no lugar que a espera.

Ora isto é igualmente verdadeiro em relação ao Purgatorio: a alma deixando o corpo e não achando em si esta pureza em que foi creada, vende tambem os impedimentos que retardam a sua união com Deus, compreendendo que só o Purgatorio pode afasta-los, lança-se nele por si mesma pronta e voluntariamente.

E se ela não encontrasse lá os meios necessários para a sua purificação, isso constituiria para a alma um inferno pior que o Purgatorio, compreendendo que em virtude das suas faltas não expiadas, não pode aproximar-se do seu fim que é Deus, o que ela considera como um tão grande mal, que em sua comparação o Purgatorio é nada.

Na verdade os sofrimentos do Purgatorio e do Inferno podem pôr-se a par, mas comparados ao Amor de Deus, são nada.

Mas direi mais: no que respeita a Deus, eu vejo que o Paraizo não tem portas e que pode lá entrar quem quizer, porque Deus é todo misericordia e os seus braços estão sempre abertos para nos receber na gloria: mas a divina essencia é tão pura—infinitamente mais pura que a imaginação pode conceber—que a alma, achando em si mesma a mais ligeira imperfeição, se lançaria por si mesma em um milhar

de infernos, antes que apparecer manchada na presença da Divina Magestade.

Sabendo então que o Purgatorio foi instituido para a purificar, ela ahi se precipita por si mesma e ahi acha esta grande misericordia: a destruição das suas faltas.

O espirito não pode conceber nem nenhuma lingua pode dizer a grande importancia do Purgatorio.

Eu constato sómente que as suas penas são tão grandes como as do Inferno, mas vejo tambem que uma alma, manchada da mais leve falta, recebendo esta misericordia, conta por nada as suas penas em relação á demora do gozo do seu amor. E eu sei que o maior sofrimento dessas almas é vêr em si o que desagrada a Deus, e descobrir que apesar da sua bondade consentiram nisso.

E é assim porque, estando em estado de graça, as almas veem a realidade e a importancia dos impedimentos que lhes não permitem aproximar-se d'Ele.

* * *

Tudo o que tenho dito comparado com o que me foi representado (tanto quanto eu sou capaz de o compreender nesta vida) é de tal importancia que nenhuma ideia, e muito menos palavras, nenhum sentimento o pode exprimir e que toda a justeza e verdade que dela podem dar parece uma coisa falsa e indigna, de forma que eu fico confundida por não poder encontrar nenhuma expressão que diga o que sinto.

Vi e contemplei uma tão grande conformidade entre Deus e a alma que quando Ele a acha pura, no estado de innocencia em que sua Divina Magestade a creou, dá-lhe uma tal força atractiva de amor divino que ela seria aniquilada se não fosse imortal.

Transforma-a de tal forma em si mesmo que a alma não vê mais que a Ele, e continua a atraí-la cada vez mais, inflamando-a no seu Amor, e não a deixando senão quando a tiver deixado no estado em que ela veio, isto é, na pureza perfeita em que foi creada.

Quando a alma contempla em si mesma a chama amorosa pela qual é atraída para o seu doce Mestre e seu Deus, o inflamado ardor do amor a abate e ela se funde.

Então, nesta luz divina, ela vê como Deus, por seu grande amor e sua constante Providencia, não cessa nunca de a atrair para a sua ultima perfeição, o que Ele faz unicamente por amor.

A alma vê tambem que ligada pelo pecado, não pode seguir esta atracção para Deus, isto é, este olhar reconciliador com que Deus a atrae.

Alem disso, o que é esta grande miseria de estar impedida de contemplar a luz divina, a alma experimenta um desejo instintivo de ser livre a fim de poder aproximar-se desta chama unificante.

Eu vou repetir: e á vista de todas estas coisas que causam a pena das almas do Purgatorio, não porque elas estimem esses sofrimentos tão medonhos, mas têm como pior a opposição que encontram em si mesmas á vontade de Deus (e agora conhecem que tem por elas um tão puro e ardente amor.

Este amor, com o seu poder unificante, as atrae sem que como se não tivesse outra coisa a fazer: e quando a alma considera isto, se ela pudesse encontrar um Purgatorio mais penoso em que pudesse ser purificada mais depressa ella ahi se mergulharia logo, obrigada pelo ardente amor reciproco entre ela e Deus.

* * *

Desta fornalha do divino Amor eu vejo raios de fogo, dardejando sobre a alma como lampadas ardentes, e tão poderosas e violentas são elas que a alma e o corpo ficariam completamente destruidos se isso fosse possivel.

Estes raios executam um duplo officio—purificam e consomem.

Considera o ouro: quanto mais liga tem mais tem de que ser purificado. E' derretido pelo fogo que consome todas as suas fezes, e é este afinal, o efeito do fogo em todos os metaes.

A alma, contudo, não pode ser aniquilada em Deus, mas pode-o ser em si mesma e, quanto mais a purificação dura, mais perfeitamente ella morre, até que afinal fique toda purificada e passada em Deus.

Quando o ouro está completamente livre de misturas, nenhum fogo, por mais forte que seja, tem acção sobre ele pois que só as impurezas podem ser consumidas.

Assim acontece com o fogo divino sobre a alma. Deus conserva-a no fogo até que todas as manchas tenham desaparecido.

A alma então atinge a mais alta perfeição de que é capaz, e cada alma, segundo o seu grau.

Quando este está completo ella repousa completamente em Deus—nada fica della mesma e Deus é então o seu ser perfeito.

Depois della ter assim sido conduzida para Ele e inteiramente purificada, não pode sofrer mais porque já não ha nada a consumir, de forma que se ella se aproximasse do fogo não sentiria nenhuma dor, porque elle se tornaria para a alma o fogo do divino amor, que é a vida eterna e sobre o qual o sofrimento não tem acção.»

SOSINHA

Naquella tarde tudo a bordo ria e folgava. Uns na inconsciência do tempo e da vida que passa; outros a sacudirem a recordação da ultima despedida quando do Molhe, na vespera, ao largar, uma nuvem de lenços fizera voejar num rodopio as saudades dos que ficavam.

De quando em quando ainda a imagem daquele branco esvoaçar longinquo passava pela imaginação dum ou doutro deixando-o absorto na contemplação dum filho, dum pai, dum coração amigo mas logo se esvaia como na vespera aquella mole de cabeças aqueles centos de azitas brancas por entre a neblina suave do mar.

Quantos não iriam ali na certeza de nunca mais voltarem?

Quantos na doce ilusão duma fortuna a soerguer-se-lhe da outra banda do Oceano?

Havia ali rostos tismados de homens de trabalho; caras alvadias e precocemente debotadas pelo vicio ou pela doença, semblantes ingénuos e saudáveis de creancistas.

Naquella tarde tudo a bordo ria, tudo folgava.

—Tudo?...—tudo não.

* * *

Continuamente silenciosa e triste, só a toda a hora do dia e da noite, por vezes numa atitude de quem ora recolhidamente seguia tambem ali uma rapariga ainda jovem.

O seu olhar vivo, scintilante, a iluminar o semblante carregado por alguma grande dor fazia lembrar o brilho do faról ao longo da costa.

Ou se jogasse ou se conversasse Margarida lá estava de olhar fito no poente.

Não havia toque nem canto por mais melodioso que conseguisse desvia-la daquela attitude extática.

Em volta daquela mulher teciam-se já os mais desencontrados comentários.

Que a morte repentina de alguma pessoa de familia a fizera sair da pátria, dizia alguém, logo contraditado pela ausencia completa do mais pequeno sinal de luto.

«Necessidades economicas» opinava outro com mais verosimilhança.

Não teria trabalho na sua terra natal?... No mesmo barco seguia uma religiosa que impressionada pela tristeza daquela rapariga determinou aborda-la para lh'a suavisar se possivel fosse.

E naquela tarde, uma tarde linda de Agosto, apenas o calor, permitiu tomar o ar livre Margarida subiu á coberta e após ella a religiosa.

Passou-se uma boa hora até que a religiosa aproximando-se della deixou cair qualquer coisa numa aparente distracção.

Margarida apressou-se a apanha-la e a dá-la á religiosa que lhe agradeceu a gentileza.

E continuando:

— Donde é?...

— Sou da provincia de... e vou para os Estados Unidos.

— Desculpe-me a indiscrição mas poderia saber o que a leva lá?...

Oh minha irmã! Chegue-se para aqui onde ninguém nos oia.

— Sim, é conveniente porque a tristeza que a oprime tem dado que falar e que pensar a esta boa gente. E eu interesso-me por si. Se lhe puder ser util se lhe puder prestar algum pequeno serviço disponha de mim.

— Prometa-me que não diz nada.

— Prometo.

— Sabe então porque vou aos Estados Unidos?
 — Não sei; diga lá.
 — Tenho lá um irmão que está á morte e sei que ele recusa a assistencia religiosa e eu vou lá para o convencer a recebe-la.

Foi assim, na nossa santa religião cristã que nós fomos educados numa pequena aldeia da minha provincia. Na minha terra não havia impios nem indiferentes.

Mas meu irmão saiu dali ainda rapaz. Foi para a América ganhar a vida e romperam-no lá.

Deus lhe perdõe a quem o perverteu. Era tão bom, minha irmã!...

E em lágrimas, soluçando velou-se-lhe a voz.

A religiosa dirigiu-lhe algumas palavras de conforto e carinho segundo o coração lh'as ditava até que acalmado aquêlê ataque de nervos a religiosa reatou a conversa.

— Ele ha-de converter-se.
 — Ah! Eu tenho-o pedido tanto á Virgem S.S.ma.

— Pois Ela ha-de ouvi-la.
 Mas diga-me, como é que se meteu assim sosinha a caminho? E' tão longe...

— Ah eu amava tanto a meu irmão!

Podia lá aguentar-me com o pensamento de que êle morresse sem sacramentos? Eu morreria logo.

— E sabe se chegará a tempo?
 — Espero que sim. Morrerá dentro em breve mas não é para já. Eu só quero ter ao menos um dia para estar a sós com êle.

Hei-de lhe falar na Primeira Comunhão, na Igreja da nossa freguesia, na nossa querida mãe e êle ha-de converter-se. Senão, ponho-me de joelhos deante dele e peço-lhe por tudo que se confesse.

Quando êle me vir chorar ha-de comover-se também a não ser que o coração se lhe tenha empedernido como a consciencia.

Mas não. Depois de tanto sacrificio Nosso Senhor ha-de-me ouvir.

Eu sei que êle se negou a receber o sacerdote católico mas quando êle me ouvir na lingua doce da nossa pátria não resistirá.

— Confie, menina, O Senhor ha-de ouvi-la. Mas, olhe, agora procure distrair-se um pouco que lhe faz mal esse pensar constante.

— Ah! Está enganada, irmã.
 — Estou aqui sempre que posso para ver despontar, lá ao longe, o primeiro sintoma da terra.

Parece que até a vista se me tornou melhor.

Quero ser a primeira a avistar a terra. Então sim ficarei contente, satisfeita.

Até lá... é impossível. Vá minha boa irmã, vá para junto das suas companheiras e reze por mim e, pelo meu irmão.

E' o que eu faço aqui.
 A religiosa deixou-a em socego, sósinha como até ali.

E' bem simples no entanto a razão da minha visita. Recebi uma carta em que se me dizia que estavas irremediavelmente perdido e eu queria ver-te.

— Obrigado. Mas... vens só por isso?
 — E não julgas a minha amizade suficiente para t'o fazer? Não te lembras de como nós eramos amigos lá nos campos da nossa aldeia?...

— Se lembro
 Mas vejo-te tão triste...

Porque vens assim? Parece que tens chorado muito.

—, Tenho, na verdade, com medo de te não encontrar vivo. Mas Nossa Senhora concedeu-me essa graça. Ai! Tenho-lhe rezado tanto por ti. Se tu soubesses e de quanto tenho sofrido... Mas olha cá tu não tens aqui nenhum quadro de Nossa Senhora? Tu já não és amigo dela?

— Sou, sou. Mas falemos doutra coisa.

— Porquê? Então tu não gostas de falar daquêlê a quem amas? Ah! tu enganaste-me...

— Não engano. Vês esta medalha que me tem acompanhado sempre?

— Ainda bem. Ela não nos abandonará. Dize-me cá:

Então como estás tu agora?
 — Achas-te melhor?

— Não. Vou morrer em breve.

— E estás preparado?...

— Estou.

— Já te confessaste? —
 — Como se eu não acredito na confissão?

— Ah! aí tens porque vim ter contigo. E' sempre vivo o amor que te consagro, mas nunca êle me teria feito vir só atravessando o Oceano para te vêr. Foi essa noticia de que não querias confessar-te, foi só ela que me fez vir até junto de ti.

Prometi-me a mim mesmo não sair de junto de ti sem te ter feito voltar á fé católica em que fomos educados e que é a unica verdadeira, a unica Divina.

E tu has-de teimar?
 Lembra-te de que tens uma alma a salvar.

Deixa as tristes ideias que te meteram na cabeça e volta-te de novo para aquêlê Jesus que ha-de ser a tua felicidade eterna.

Tem dó de ti, da tua pobre alma; tem dó de mim, e da nossa querida mãe.

As ultimas frases eram já entrecortadas pelo choro e pelos soluços.

As lágrimas dos dois juntavam-se.

Confessou-se arrependido e resignado e dias depois adormeceu no Senhor.

Quem a visse então na viagem de regresso notaria a resignação daquêlê rosto emoldurado no luto.

— Ela vira-o passar mas vira-o passar tão bem!

Tinha pena mas como a sabem ter as almas profundamente cristãs: a pena resignada com a Vontade de Deus.

Ao voltar á sua terra Margarida não se cansava de contar a toda a gente o milagre da conversão do irmão.

Quando em nós ha uma vontade firme e perseverante não ha dificuldade ou obstáculo que nos impeça a realização do nosso ideal.

Que a figura de Margarida incuta um pouco mais de coragem a tanta mulher da nossa terra que entre aquêlê que lhe são caros podem contar alguém não como o irmão dela mas talvez um pouco frio, afastado da lei do Senhor.

Ah! de quanto não é capaz um coração e um zelo de Apóstolo mesmo em peito de mulher!...

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte	81.907\$70
Papel, composição, impressão, etc. do n.º 61 (70.000 exemplares)	3.532\$00
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, cintas, etc.	875\$14
	86.314\$84

Subscrição

(Janeiro de 1927)

Enviaram importancias para as despesas do jornal:

Manuel da Silva Pita, Maria Augusta Machado de Lemos, Maria Celestina da Silva Pita, Mario Raul Soares, Sofia Maria Bugalho Sarmento de Figueiredo Soares.

Donativos varios e jornais avulsos: João Coelho dos Reis, 1.083\$40; P.e Francisco d'Assis Andrade, 107\$60; João Mendes de Matos, 100\$00; Luciano Leandro Pires,

110\$00; José de Cabedo e Lencastre, 210\$00; Josefa de Jesus, 80\$45; Maria das Dores Tavares de Sousa, 198\$00; Ana da Conceição Neves, 129\$50; Maria dos Anjos de Matos, 250\$00; M. Aurora Nobrega, 81\$00; Luís Castro Dias Guimarães; 50\$00; Emilia Nunes da Rocha, 60\$00; José Luís Mendes Pinheiro, 60\$00; Mara José Ferreira Paulino, 40\$00; Mara Carolina Caetana 48\$20; Maria José Cordeiro, 200\$00; José Rodrigues Cardoso, 70\$00; P.e Augusto José Vieira, 73\$50; Domingos Dias, 141\$00; Maria Pinha da Cunha, 90\$00; Augusto Marques Pereira, 47\$20; Inês da Conceição Castro e Simas., 50\$00; Manuel Alves Soares Teixeira, 16\$50; Clotilde de Jesus Barcelos, 50\$00 (insulares); do Colegio de N. S. da Torre(50\$00; Asilo de S. José de Braga, 25\$00; P.e Antonio Nunes Alberto, 720 dolars; Joaquina da Conceição Duarte, 25\$70; Miguel Bento Nunes, 18\$00; Manuel Alves Mateus, 25\$00; José Rodrigues da Costa, 17\$50; Maria Emilia Vieira, 45\$00; Carmina Vieira, 14\$00; Aida Ferraz d'Aguiar, 41\$00; P.e António Martins Carneiro, 41\$00; Zulmira da Mota Galhardo, 33\$50; Beatriz Valente, 35\$00; donativos varios, 35\$00.

Maria Filomena Reimão, Francisco António Chichorro, Amélia Morão de Paiva, Inês Barros e Cunha, Delfina Vaz Serra, Margarida Botelho Chichorro Reimão, Maria Benedita de Menezes Leite d'Almada, Emilia de Lemos Ferreira, Gertrudes Maria Fernandes, Dr. José M. Malheiro, Albina de Jesus dos Santos, Augusta Santos Pinto Moreira, Maria Jesus Silva, Maria M. dos Remédios (20\$00), Florinda Ferreira, Maria do Carmo Cunha Lemos e Matos, Maria Amélia da Cunha Matos, António Ferreira Soeiro, Filomena Araujo Rebelo, P.e António Pereira Pinto, Maria da Soledade Veiga, Maria de Santiago (25\$00), Beatriz de Vasconcelos e Santos, Amélia Teixeira, António Quaresma, Manuel Lourenço dos Santos, Acácio Reimão, Maria da Graça Machado Sarmento, José Augusto Alves, Ester Le Retord Guimarães, João Luís Andrade, Gertrudes da Silva Nunes, Josefa Serras, Julio Faustino, Assunção Claudio, Candida Rosa Martins, Maria José dos Santos Moreira, Ismália Bastos Messedet, Julia da Silva Neves d'Oliveira, Carminda Tavares Guerra d'Andrade, Sara Mudat, Albertina d'Arayett Mota, Angélica de Lemos, Beatriz Mota Guimarães, Alice Martins Mudat, Leonor Guimarães Vieira, Dr. António Augusto Leite Braga, Domingos Martins, Mariana Pires, Herminia Lencastre, Elmína da Cruz Corte (50\$00), Maria da Visitação Alves Nunes, Virginio Lopes Tavares, Clara Rosa Soares (2 dolars), Herculano Sales, Izabel dos Santos Gomes, Maria do Rosário Ferreira, Dionizia Queijinho, Genoveva Farinha, Malvina Melo Pato, Maria da Conceição Borges Cabral, Maria Luiza Pais Mendes, Herminia Barata Valerio, Palmira Ribeiro Lopes, António Luís Fernandes (5\$00), Eliza d'Oliveira Duarte (15\$00), Manuel Gomes Gonçalves, António José Rodrigues Pereira, Henrique Gonçalves Vilão, Agostinho Rodrigues da Bela, Mariana Pinheiro Guimarães, Rosa da Veiga Gil da F. Pinheiro, Anibal da Cunha Nogueira, Maria Patricia, Maria Henriqueta Magalhães, Gertrudes Pinto Serrano, Joaquim José Ferreira, Dolores Barbara Gonçalves, Aurelio Lacerda Moutinho, Maria José Jorge, Corina Fontes, Maria da Luz Pereira Rodrigues, Maria José de Magalhães Aguiar, Albertina Vieira Simões (50\$00), Maria Filipa da Veiga de Menezes (50\$00), D. Maria da Conceição Ferreira, Armando Medina, Anonimo (50\$00), António Pereira Pichel, Maria Saturnina de Meireles Coutinho Barriga (20\$00), Maria da Graça Duarte d'Oliveira Santos (12\$00), Maria Geralda da Luz Ferreira.

Historia dum galucho

Ha tempos assentava praça e entrara a primeira vez num quartel d'artilharia um rapaz d'uma aldeia do norte.

Na primeira noite, ajoelhou junto da cama, fez sem ostentação mas tambem sem tímidez, o signal da cruz, continuando depois a sua oração que se não foi muito comprida tambem não foi... telegrafica. Os camaradas que tal viram vieram logo com as suas chufas, gritando: «olha o morcêgo! Querem vêr que vai comer a palha do enxergão!...» e, por ai além, mil coisas neste gosto.

O recruta não fez caso, deixou falar, despiu-se e deitou-se. -No dia seguinte, á mesma hora a mesma scena.

Veio o terceiro dia. Recomeça a mesma dança. No entanto o galucho, cumprindo os seus deveres para com Deus, levanta-se e, de pé encostado ao leito, olha bem de frente aqueles vinte e quatro homens que gracejavam e diz-lhes: «Ouçam lá: Já é esta a terceira vez que vocês usam de todas essas lindas espertezas para comigo. Eu julgo-me no direito de dizer o que penso de vocês. E isto diz-se em duas palavras: vocês são uns covardês e uns parvos!

«São covardes porque são vinte e quatro contra um. E são parvos porque escarnecem de coisas que ignoram. Eu, cá por mim, creio em Deus, adoro-o e elevo a minha alma para Ele, e vocês não sabem nada d'isto. Vivem como uma besta, dormem, comem, caminham e não vão além d'isto.

E não compreendem vocês que sendo assim, são uns autenticos parvos?»

Tudo se calou. O mais leal do grupo levanta a voz e diz-lhe: «tens razão, não andámos bem, cada um é livre.»

No dia seguinte um segundo recruta vem ter com o primeiro arengador do dia antecedente e pergunta-lhe: «Mas é certo que tu crês em Deus?»

—E' claro. E tu?

—Eu, não, nunca ninguem me falou nisso. Não poderias tu dizer-me alguma coisa a seu respeito?

—Posso.

E de tal maneira falaram que algum tempo mais tarde, o segundo fazia a sua primeira Comunhão.

Acabado o tempo da vida militar foi para a sua terra exercer o seu officio e enquanto trabalhava não perdia ocasião de evangelisar á sua volta.

Aos domingos todo o trabalho cessava e ia á Missa.

Ah! se os católicos soubessem vencer o ridiculo espantallo do respeito humano, se dessem uma nota de coragem nas fabricas, nas officinas, nos campos, nos cafés, nos comboios... fariam maravilhas!

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte... ..	5.197\$55
Manuel Moreira da Silva... ..	20\$00
M. do C. da C. B. (em cumprimento duma promessa)... ..	40\$00
João Francisco Angelo... ..	20\$00
	5.277\$55

A MEDICINA DO JEJUM

Nestes nossos tempos em que as comodidades se multiplicam e estão ao alcance de muita gente, ha quem sinta calafrios, imaginando-se já não só doente mas até morto e sepultado, só na perspectiva de ter de jejuar alguma vez.

No entanto um grande numero de doenças têm a sua origem no excesso de comodidades e nos abusos da comida e sobretudo da bebida.

Os frades cartuxos jejuam oito mezes seguidos em cada ano, comendo uma vez só por dia. Contudo chegam a velhos e não se vêem entre eles grandes enfermidades, apesar da grande velhice que muitos atingem. Quando Urbano V quiz mitigar os rigores da Regra, os bons frades, para provar ao Papa que tais rigores lhe não prejudicavam a saúde, enviaram-lhe uma deputação de 27 monjes dos quais, o mais novo contava 88 anos.

Pedido aos assinantes

Pedimos o favor de nos indicarem o n.º da assinatura, ou mesmo enviarem a cinta do jornal, quando pagarem a assignatura e principalmente quando fizerem qualquer reclamação.

Algumas pessoas nos têm avisado de receberem o jornal em duplicado ou triplicado, mas não nos dizendo os n.ºs respectivos, fica inutil a sua informação.

Que força de vontade no corpo frágil duma mulher!

Que amor ardente!

Que nobre e heroica dedicação!

Aquela rapariga lá ia através dos mares... A' cata de fortuna? Não. Para salvar a alma dum ente querido.

Que lindo gesto digno dum Apóstolo!

E aquela gente que ia no barco sabendo da religiosa a razão da viagem de Margarida cercou-a de respeito e veneração.

Havia ali gente descrente como o irmão mas até esses souberam respeitar a firmeza de convicções daquela rapariga.

O sol ia caindo pouco a pouco emprestando ás aguas um fogaz colorido de fogo

De repente como num salto pareceu mergulhar. Pouco depois era noite.

E o vulto esbelto de Margarida lá ia de olhar fito no poente.

Passaram-se dias naquela vida de bordo até que uma tarde, um pouco mais cedo que de costume Margarida subia á coberta e de lá lança um grito de alegria.

Avistara a terra e ia participa-lo á boa da religiosa.

O resto da tarde foi de alegria segundo a promessa.

Junto do irmão, depois de o abraçar a chorar, começou a contar-lhe noticias da terra.

Mas o rapaz não socegara.

— Afinal o que te traz cá?

Nunca me disseste nada...

— E' que não tive tempo.